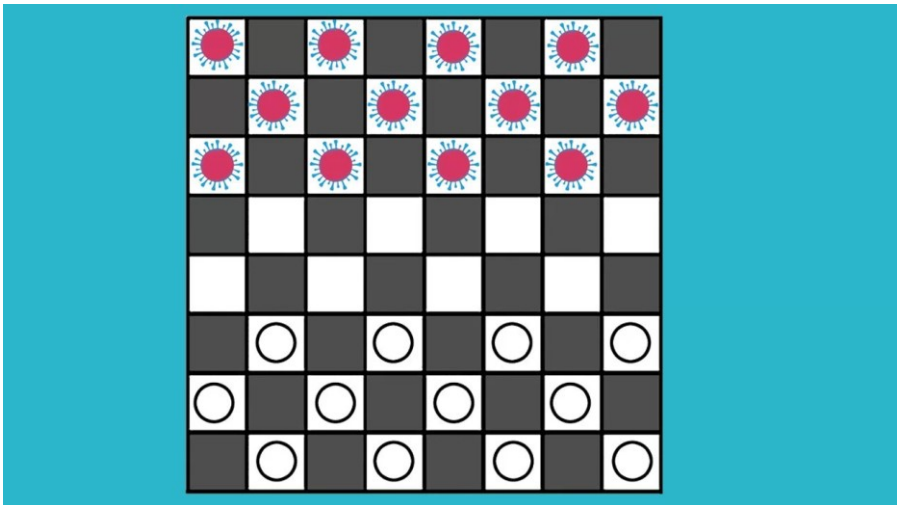


**«O mal não é um castigo, mas sim o preço inevitável a pagar,
pelo crescimento de toda e qualquer existência finita»**

**«A religião precisa de atualizar a sua imagem de Deus,
e deixar de recorrer a procissões e a preces como forma de resposta»**

Andrés Torres Queiruga



C onvocados à esperança

«**A esperança**, como muito bem sabia Péguy, é uma menina fraca e pequena. Precisa de ser cuidada. A humanidade atravessa uma encruzilhada onde terá uma nova oportunidade de aprender»

«**É urgente** que lutemos unidos: recorrendo ao diálogo crítico nas interpretações, aproveitando o que nos une na prática, e não tanto o que nos diferencia em teoria»

«**Sabemos**, hoje, que o *mundo-sem-mal* não passa de um mito obsoleto que, religiosamente, sonha com paraísos primitivos, e, freudianamente, com fantasias infantis de onnipotência»

De repente, **um pequeno vírus abala o mundo inteiro**, fazendo de todos (*pan-*) um único povo (*-demos*): pela primeira vez, uma “aldeia global”. Abala-o até aos alicerces, fazendo desabar sucessivamente casas de papel, falsas seguranças, preocupações superficiais. Põe, também, a descoberto o nosso fundo mais verdadeiramente humano, numa explosão inesperada de generosidade fraterna, que a todos nos une, face ao sofrimento e à morte. Impõe o reinado do que a psicologia chama o princípio da realidade, e que, já há milénios, a Bíblia qualificou como a tentação de querer ser como Deus. Com uma diferença: a psicologia, pelo menos alguma, deixa-nos indefesos face ao instinto de morte: o livro do Génesis faz brilhar uma esperança de salvação no futuro.

Mas a esperança, como muito bem sabia Péguy, é uma menina fraca e pequena. Precisa de ser cuidada. A humanidade atravessa uma encruzilhada onde terá uma nova oportunidade de aprender. A Modernidade, no seu entusiasmo emancipador, criou maus hábitos típicos de qualquer adolescência: os jovens

protestam cheios de razão, exagerando nas suas propostas; os velhos defendem um passado já caduco, mas preservando valores que não devem ser abandonados (o último livro de HABERMAS, *Auch eine Geschichte der Philosophie*, com mais de mil e setecentas páginas, insiste nisto, com a sabedoria dos noventa anos). Falando do ponto de vista teológico, isto significa que, face ao desafio do mal, todos, tanto a tradição religiosa, como o protesto ateu, têm muito que aprender.

É urgente que lutemos unidos: recorrendo ao diálogo crítico nas

interpretações, aproveitando o que nos une na prática, e não tanto o que nos diferencia em teoria. Felizmente, os seres humanos são muito complexos e, muitas vezes, põem em prática o que ainda não sabem. E algo de novo está a acontecer. Na saúde, nos serviços, no ensino, nas relações de vizinhança... assiste-se a um trabalho unido e de conjunto, sem cartão de partido, nem certidão de batismo, sem distinção de sexo e, mesmo, sem fronteiras no campo da investigação. Perder-se em ataques ou acusações, convertendo o mal em apologética defensiva, ou em acusadora “rocha do ateísmo”, constitui uma reação estéril.



Constitui, além disso, uma reação culturalmente anacrônica. Porque ambas as posições correntes, tanto a conservadora como a progressista, padecem de um mesmo preconceito acrítico: crer na possibilidade de um *mundo-sem-mal*. Sabemos, hoje, que isso não passa de um mito obsoleto que, religiosamente, sonha com paraísos primitivos, e, freudianamente, com fantasias infantis de onipotência. Fora das discussões a favor ou contra, da teodiceia, todos sabemos, hoje em dia, que o mal é um produto inevitável de um mundo necessariamente finito.

Sabem-no os filósofos que, como Espinosa, nos ensinam que “toda a determinação é uma

negação”, e como Hegel, que a contradição é a lei de toda a realização finita. E sabe-o, também, o senso comum, ao ensinar-nos que não se pode sorver e soprar ao mesmo tempo, nem é possível fazer omeletas sem ovos.

Não cair na conta disso constitui a armadilha, invisível porque pré-moderna, do famoso dilema de Epicuro: Deus pode e não quer e, nesse caso, não é bom; ou quer e não pode e, então, não é onipotente... Porém, se o *mundo-sem-mal* é um conceito impossível e contraditório, retirar conclusões dele, equivaleria a dizer que Deus não é bom por não querer fazer círculos quadrados, ou não é onipotente por não fazer ferros de madeira.

Quando esta evidência se torna explícita, é tão anacrônico continuar a acreditar em Deus, admitindo que, se ele quisesse, podia acabar não só com o coronavírus, como também com todo o sofrimento na terra, como o é negar a sua existência, apesar de

reconhecemos a autonomia do mundo, e de sabermos que tudo o que nele sucede tem sempre uma causa intramundana. A religião precisa de atualizar a sua imagem de Deus, e deixar de recorrer a procissões e a preces como forma de resposta, manifestações que só têm sentido no pressuposto de um *mundo-sem-mal*. Pela mesma razão, o ateísmo deve ser consequente, não negando Deus por ele não interferir nas leis físicas, ou não controlar a liberdade humana.

Dar este passo acarreta importantes consequências, claras a nível prático, mas obscuras ao nível do sentido da vida e da história. Em relação ao primeiro nível, temos avançado. O mundo está, hoje, iluminado por uma onda quase gravitacional de solidariedade fraterna que nos une a todos contra o mal, o inimigo comum. Lição dura, mas uma lição.

As diferenças surgem a outro nível. Quem não acredita em Deus, tem perante si a tarefa de configurar a sua vida e de lhe dar sentido dentro da simples imanência. A esse nível podemos vencer o coronavírus; mas podemos ficar certos de que o mal continuará presente, embora com rostos diferentes, incluindo o último: a morte, esse “amo absoluto” de que nos fala Hegel.

A quem acredita em Deus cabe a tarefa urgente de atualizar a sua imagem. Um Deus que cria por amor e que vive entregue ao cuidado da sua criação, porém com uma presença que não pode tornar-se evidente, pois ele funda e promove sem interferir, respeitando a autonomia das criaturas: tanto a das leis físicas (Whitehead fala, numa forma muito bela, de Deus como “poeta do mundo”) como a da liberdade.

O Evangelho, ao dar forma à saudade mais funda do coração humano, propõe-nos a descoberta de que Deus, por ser capaz de nos criar a partir do nada, tem, também, o poder de não nos deixar recair no nada, resgatando-nos

da morte, transformada assim no “último inimigo” a ser vencido. Entretanto, acompanhados ao longo do caminho: a história não é prova, mas sim condição de possibilidade da existência; o mal não é um castigo, mas sim o preço inevitável a pagar pelo crescimento de toda e qualquer existência finita.

Apesar do mal, a esperança é possível. E a humanidade tem direito a sentir-se acompanhada. Também, a este propósito, Whitehead encontrou palavras que muito estimo, e que vale a pena citar nestes tempos particularmente carenciados: “Deus é o grande companheiro, o camarada no sofrimento, aquele que compreende”. □



Andrés Torres Queiruga
https://www.religiondigital.org/opinion/Andres-Torres-Queiruga-Dios-procesiones-iglesia-mal-castigo-epicuro_0_2226077382.html
(28.04.2020)

o elogio da esperança

O jornal *Corriere della Sera*, 27-06-2019, publicou um trecho da *lectio magistralis* que **CLAUDIO MAGRIS**, escritor italiano, ex-senador da Itália, ex-professor das universidades de Turim e Trieste, e prémio Príncipe de Astúrias de Letras de 2004.

A ESPERANÇA – *Elpis* – não goza de boa fama junto dos antigos gregos e, em geral, da cultura clássica. Ela permaneceu, segundo o mito, no fundo da caixa de Pandora, que a descobriu, permitindo, assim, que os males que continha se derramassem no mundo. Também, nessa versão, é uma mulher que introduz o mal; os antigos gregos não são menos misóginos do que os antigos judeus.

A esperança, *Elpis*, permanece no fundo da caixa, modesta reserva num cofre, para o caso de surgir algum problema, mas inadequada para o enfrentar, quando ele chega de facto. Está lá no fundo, uma rã, talvez, tentando saltar para fora em vão.

Como recorda Giuseppe Visonà, num excelente livro sobre a esperança nos gregos e nos Padres da Igreja, o homem, para os gregos, vive de acordo com a sua Moira, o seu destino e a sua medida já marcados; está submetido a *Týche*, o Destino; a *Anánke*, a Necessidade; e, se tentar se rebelar-se, comete aquilo que para os gregos é o pecado mais grave, a *Hýbris*, a Desmedida.

A culpa de **Prometeu**, para Ésquilo, é o facto de ter posto no coração dos homens “as esperanças cegas”; menos enganos, ilusões, diria Leopardi, muitos séculos depois, que, aliás, também disse: “Vivo, portanto espero”. Acariciáveis sonhos, escreve Sófocles; vãs ilusões, para Píndaro; “fátuas” esperanças, para Sólon. Esse pessimismo não é apenas grego, mas também caracteriza a cultura clássica em geral, e o seu ideal de firmeza e sabedoria: “Viver sem

esperança e sem medo”, diz Sêneca; “desiste das esperanças vazias e cuida de ti mesmo”, reforça Marco Aurélio. A única aceção relativamente positiva da esperança é, como para Tucídides, a da “previsão racionalmente fundada”.

É Eurípides, o mais iluminista dos grandes trágicos, quem exorta, num fragmento, a que vivamos e nos alimentemos de esperança. Seria o cristianismo, observa Giuseppe Visonà, que “tiraria totalmente da *Elpis* as características de ambivalência e incerteza”. A *Elpis* dos cristãos é sempre positiva e certa. Mais tarde, foi uma nova cultura greco-judaico-cristã – de Filon de Alexandria aos Padres da Igreja – que formulou um significado diferente da esperança, *qawah*, diz o termo hebraico. Mas o irremediável pessimismo grego relativo à esperança está presente, ao longo dos séculos, até num dos maiores poetas-filósofos contemporâneos alimentados pelo pensamento grego, Carlo Michelstaedter.

Michelstaedter celebrou a persuasão, ou seja, a possessão presente da própria vida que, ao contrário, muitas vezes, os homens, incitados pela retórica, sacrificam e queimam à espera de algo que sempre deve vir e que nunca chega. Espera-se que a próxima semana chegue o mais rápido possível, porque conheceremos o resultado das análises clínicas, ou das eleições políticas, ou de qualquer outra coisa que esperamos com ansiedade, e, assim, não se vive para viver, mas para já ter vivido, ou seja, para estarmos um pouco mais perto da morte. As crianças, essas sim, são

convictamente capazes de viver o presente; quando correm, não correm para alcançar uma meta, ou seja, para a darem por alcançada, para já terem chegado, para terem parado de correr, mas simplesmente, e apenas, porque gostam de correr.

Na sua obra-prima, Michelstaedter cita uma canção popular veneziana contra a esperança: *“Sespera che i sassi / diventa paneti, / perché i povareti / li possa magnar. / Se spera che l’acqua / diventi sciampagna, / perché no i se lagna / de sto giubilar. / Se spera sperando / che vegnerà l’ora / de andar in malora / per più no sperar”* [Espera-se que as pedras / se tornem pãezinhos, / para que os pobrezinhos / possam comê-los. / Espera-se que a água / se torne champanhe, / para que não reclamemos / desse festejar. / Espera-se esperando / que venha a hora / de que tudo vá para o inferno / para não mais esperar].

A Esperança não tem nada a ver com este pequeno futuro que nem sequer existe, porque se queima continuamente e, certamente, não é o futuro cheio de Esperança, mas sim o futuro desgastado pela pressa e pela ansiedade.

É com o judaísmo que a Esperança assume um valor central. Abraão é pai da fé, e dele São Paulo diria: “Teve fé, esperando contra toda a esperança”. A Esperança não é uma serva, importante, mas sempre menor do que a fé; é de igual destaque e tornar-se-á, mais tarde, com Péguy, a mais importante das três virtudes teológicas. E é nesse momento que nasce a dramaticidade, e também a tragicidade implícita na Esperança, nas suas inevitáveis, mas, precisamente por isso, ainda mais sagradas, embora dolorosas, contradições. A Esperança é uma grande protagonista dos salmos, em que surge repetida continuamente, a Esperança é história da salvação.

O vocabulário da Esperança, no Antigo Testamento, inclui uma vasta gama de raízes verbais que dizem respeito a vários âmbitos da Esperança; acima de tudo, a espera, nos seus vários matizes; a tensão em direção a algo; e a confiança. A Esperança, para o homem bíblico, não se

dirige a algo incerto, mas sim a algo que, simplesmente, ainda não está aqui; não é uma mera hipótese, uma possibilidade que nunca poderá realizar-se, mas sim uma realidade que ainda não está em ato, mas que está a caminho.

Moisés conduz o seu povo rumo à Terra Prometida, esperando intensamente por ela, mesmo sabendo que nunca porá os pés sobre essa terra; uma esperança que é uma certeza, mas não no sentido em que esse termo é usado numa linguagem meramente factual.

A Esperança, assim, torna-se uma característica, quase uma definição, do humano: “O homem é, por excelência, aquele que espera”, escreve Fílon de Alexandria. A Esperança consiste na convicção de que o “ainda não” é também o “já”, porque essa plenitude para a qual se dirige, já está presente no ato de se dirigir em direção a ela.

Séculos depois, em um dos maiores romances da literatura universal, *“A morte de Virgílio”*, de Hermann Broch, esse *“noch nicht und doch schon”*, ainda não mas já, torna-se a essência, a estrutura, a tonalidade de todo o grande romance de salvação e redenção, o *leitmotiv* da sua estrutura, do seu significado e da sua poesia. Não é por acaso, que já para os primeiros Padres da Igreja, como por exemplo para João Crisóstomo e Agostinho, o que faz com que o homem se perca não é pecado, mas sim o desespero do perdão, como o Catecismo nos repete ainda hoje. A falta de Esperança tem um significado apocalíptico mais terrível do que a falta de fé.

A Esperança é espera, espera daquilo que ainda não se vê e que alivia a alma, precisamente enquanto se espera algo que virá. A Esperança tem um poder salvífico determinante, não só na meta que nos propõe, como, sobretudo, no caminho para a alcançar. A Esperança é um caminho que dá sede, muita sede, mas é, precisamente, essa sede que nos dá força para continuar a caminhar. E o salmo que fala dessa sede da alma (Salmo 63 e 62) diz: “Até a minha carne estava sedenta de ti (isto é, de Deus)”. A

Esperança acaba por invadir toda a pessoa na sua totalidade, não só as suas ideias ou os seus valores morais, mas também toda a sua complexidade de desejos, nostalgias, medos, fraquezas e, acima de tudo, afetos e amores.

E é precisamente isso que ajuda a Esperança a progredir no seu caminho. Na Esperança, o homem transforma-se profundamente, mesmo permanecendo fiel a si mesmo, assim como se foi transformado, permanecendo fiel a si mesmo, passando de criança a jovem, e de jovem a velho. Estas contínuas mortes do seu velho eu, dão vigor, frescor e juventude ao seu próprio eu. A Esperança é a vida. Agostinho tem uma frase formidável, que também será retomada na laicização histórica e revolucionária da própria Esperança: “Não somos cristãos senão para o século vindouro”.

Esse poderoso fermento religioso confluiria, muitos séculos depois, no pensamento revolucionário dos séculos XIX e XX, quando a Esperança bíblica, o tenaz caminho rumo à Terra Prometida vier a assumir um profundo valor de renovação política, mudança da estrutura do mundo e do homem na sua relação com ele. Como Santo Agostinho diz, mais uma vez, trata-se de se sentir exilado na pátria – todo o revolucionário é um exilado numa pátria que ama, mas na qual não pode reconhecer-se e que, portanto, não é a dele –, “quem é exilado, diz Santo Agostinho, e caminha na fé, ainda não está na sua pátria, mas já está a caminho dela; quem, ao contrário, não crê não está nem na pátria nem a caminho dela”.

A passagem dos Padres da Igreja ao Princípio Esperança de Bloch é quase contínua. Continuar a esperar até à noite, prossegue Santo Agostinho, “isto é, até que a tua vida termine, até que chegue a noite de todo o género humano...”. A Esperança que nos leva a continuar o caminho, conduz-nos à plena descoberta do mundo e àquele estupor – diante do céu, da imensidão dos oceanos, do número das estrelas, das várias espécies de animais – que é o estupor da Poesia e da Esperança, que sendo libertação, é

também Poesia. Certamente, a terra ao longo da qual a Esperança avança é uma terra de moribundos, mas esse caminho também dá sentido à morte.

O século XX foi o século da Esperança com maiúscula. A Esperança, virtude teológica dominante no século XX, que conheceu muito pouco a Caridade, tem um fôlego e um porte universal, diz respeito ao destino do homem, de todos os homens, ao sentido e ao horizonte da História. *Was kann ich hoffen?* O que posso eu esperar, já se interrogava Kant na “Crítica da razão pura”. A Esperança não nasce de desejos pessoais, muito menos de uma visão do mundo reconfortante e otimista, mas sim da laceração da existência humana, que cria uma irreprimível necessidade de resgate, uma “fome” – escreve Ernst Bloch no seu livro “O Princípio Esperança” - de justiça, de liberdade, de dignidade e, também, de felicidade.

Essa Esperança – em nome da qual tantos homens morrerão e tantos homens matarão – é o espírito messiânico dos profetas, a espera e a preparação do advento do Messias, aquela Terra Prometida, para a qual Moisés não se cansou de guiar o seu povo, mesmo sabendo que ele próprio nunca lá poria os pés. Esse espírito religioso judaico, esse olhar para o futuro – que de algum modo já está em ato na travessia do deserto para o alcançar – assume uma forma universalmente política – cheia de messianismo – no “sonho de uma coisa” da qual falava Marx, o sonho da humanidade que reivindica a plenitude, a liberdade, a vida verdadeira ou, simplesmente, a vida *tout court*, porque a dos escravos, dos oprimidos, dos miseráveis, não é vida.

Essa coisa sonhada não se encontra no passado, num Marx original do qual a humanidade foi expulsa, mas sim no futuro, no “ainda não”. Como nos ensinaram na escola, esperar, por definição, é um verbo que pede futuro. E esse “ainda não”, diz Virgílio moribundo no grande romance de Bloch, contém o “mas já”, porque o caminho para a Terra Prometida já é Terra Prometida.



Caminhar e meditar em silêncio

CAMINHAR E MEDITAR EM SILÊNCIO são exercícios de resistência.

O inverso do espírito de competição, num tempo dominado pelo ruído, em que a filosofia de vida predominante é a do mundo de negócios.

Caminhar e meditar em silêncio é terapêutico.

Uma cura, um remédio, um ansiolítico natural que recompensa.

É viajar com a mente, pensando enquanto se caminha.

Trabalhar com a mente, enquanto se anda a pé.

Viver o corpo, enquanto se caminha e medita.

A mente a trabalhar e a cooperar com as pernas.

É humanizar a vida.

Simbolicamente é uma aventura, um passeio palpável e intangível, uma experiência de aprendizagem, cognitiva e de procura do silêncio, desfrutando-o.

O nosso mundo mais próximo, que nos rodeia, é apreciado, explorado e festejado.

Abrimos os olhos e achamos a beleza onde não diríamos estar.

É respirar e sentir a paz.

Dialogar com o tempo e o espaço.

Ter paciência, sem pressa, pois o mal da pressa apressa tudo.

Arrumam-se ideias, obrigações, compromissos, conhece-se o pormenor do percurso, o nome das ruas e seus desvios.

É passear ao longo da praia, apreciada e sentida de manhã cedo, ouvindo o oceano, molhando os pés, apanhando conchas, vendo as gaivotas e o mar a enrolar na areia. Saboreia-se e disfruta-se a natureza.

Degustamos a memória do tempo passado, o presente das coisas, a espera e o sonho das coisas futuras.

Purifica-nos a contemplação e o sentir do silêncio que nos falta.

Interrogamo-nos sobre nós próprios e os outros.

Sensibilizam-nos pormenores da paisagem que usualmente não vemos.

Ocioso, para muitos, apoiando-se na teoria de vida dominante, que concebe a existência como uma luta, na qual só é devido respeito ao vencedor.

Vive-se o corpo e a mente, cada um está mais perto de si, dada a intimidade, introspeção e concentração do caminhar e meditar em silêncio, sociabilizando mentalmente com outros.

Um prazer físico, espiritual, frugal e tranquilo.

08.05.2020

Joaquim Miguel de Morgado Patrício

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cronicas-pluriculturais-881247>